

**Estou vivo e escrevo só
onde renascem as essas circularidades
aqui o teu clarão sussurra
onde se espalham as folhas
é mel em secreta enigma
escrever é construir redes
elementar efusão
não tenho lágrimas e permaneço oculto
e o horizonte e o corpo são a metamorfose e a cequena são
aqui o teu clarão reaparece
esferas invioláveis
António Ramos Rosa**

António Ramos Rosa

Com palavras, corpos e silêncios <<http://www.telepoesis.net/estou-vivo-e-escrevo-sol/>>>

A todos aqueles que aqui deveria estar o nome.

Nestes poemas combinatórios de António Ramos Rosa, reinventados por Rui Torres, encontramos a consonância entre os elementos reais e míticos do universo se conciliando para mostrar o melhor da poesia portuguesa. A construção de sua obra é a construção de seu corpo, como define o poeta.

Rosa mostra o amor como algo duvidoso, algo que traz ansiedade e fraqueza, e faz uso de um "filtro" de emoções para demonstrar seu distanciamento e frieza frente às relações humanas, dando ao poema equilíbrio e o tornando autêntico.

«Estou Vivo e Escrevo Sol»

Poemas combinatórios escritos e programados por Rui Torres, entre Lisboa, Porto, Barcelona e Bremen, 2016.

Através de António Ramos Rosa; poemario.js por Nuno Ferreira; voz de Nuno M Cardoso; som de Luís Aly.

v.1 (21 poemas) :

I.

a escrita dos silêncios claros,
acariciando lentamente as pedras,
dorme, e nos corpos inabordáveis
acena.
é o suave clamor
dos líquidos vogais,
dos pulmões em sossego.

II.

aqui o teu silêncio arde,
é universo em elementar efusão.
que são as palavras?
escrever é construir redes,
e o vento e a luz são
essa circulação solar
onde se espraiam as folhagens giratórias.

III.

um grito ou um silêncio,
uma sombra obstinada
onde tudo permanece imóvel.
na iminência do abismo,
terrestre ou divino,
a fremeante germinação:
a água.

IV.

as palavras sucedem-se
como vagarosos limbos,
como tinta.
as palavras não compensam,
não regressam,
são uma lenta reverênciia,
olhando a água iluminada.

V.

são as mulheres,
no seu vagaroso veludo,
onde a chuva jorra.
e as palavras,
através das palavras,
no caminho das palavras,
abrindo a noite.

VI.

e o que é uma galáxia inviolável?
é o amor e é o ar,
cavalo varado abrindo a noite,
irrompendo pelas habitações perdidas,
como a espuma finíssima da tua garganta verde:
da tua lucidez,
do teu fogo.

VII.

respira-me:
silenciando a tua nudez
no rumor ofuscante
e na pálpebra azul da eternidade.
de peito aberto:
sede de sal
e de lentos rumores.

VIII.

o esquecimento é signo de transparência,
mas a água é verbal.
estou vivo e escrevo sol
no centro lúcido
e claro
do sémen. nos olhos,
no lume do teu corpo despindo-se.

IX.

impronunciável é a tua sombra,
ou a brevidade das flores,
que envolve a terra.
na linguagem limpida
do sonâmbulo sufoco procuro palavras:
água terra fogo vento
- para não sufocar.

X.

perfil de uma pátria sem sombra:
pedra, ouro, o vazio do dia.
e a escrita:
lucidez da respiração incessante,
sopro de verdura
ou de terra.

XI.

oh, como tudo é vago
e informulável!
bebendo as águas de tuas portas
espessas, poro a poro...
mas palavras flectem,
e uma nova língua emerge.
entre as silhuetas esguias,
os silêncios das abelhas.

XII.

sou eu que me duplico?
ou é o ritmo indecifrável da leveza do sopro?
entre o corpo e o espaço:
a inocência de uma ideia,
o desejo dos puros espaços,
um deus murmurando: uma árvore.
e o ar dissipando-se como um meteoro no liame
das palavras.

XIII.

eu morro e ressuscito:
sou uma fantasia ansiosa?
onde a noite ensurdece
é a hora leve,
a hora de escrever uma serpente
e adormecer.
o poema: argilas e pedras e urtigas.

XIV.

um estremecimento
no silêncio da página.
clamor.
não me reconheço:
estou cheio do silêncios:
a boca e
a expansão do universo.

XV.

como a nudez,
curvando e anunciando
o grito da libertação,
emerge o silêncio visível,
mas não tenho lágrimas
e permaneço oculto
na iminência do encontro.

XVI.

entre o sono e a alegria inventada,
entre a miséria e a música habitada,
a língua do verde é isto:
estar vivo e ser sol.
e respiro
como uma dança na folhagem,
no nocturno fulgor do desejo.

XVII.

nada mais:
uma árvore suspensa
contornando a música das vogais
com a sua inesgotável liberdade plena.
ser pedra viva,
o espaço puro
do teu umbigo de quartzo.

XVIII.

adormecer
na argila leve da ausência.
que mar?
e que cúpulas?
oh matéria íntima e nua das imagens
iluminando com o sangue os crepúsculos.

XIX.

meu corpo incandescente
renovando a luz densa da tua frescura.
tudo está imóvel
e tudo flutua em nossos corpos livres.
à espera dos úteros,

dos territórios da solidão,
onde nada se cria.

XX.

e tudo é deserto,
o deserto das auroras indecisas.
lê: a noite não existe.
o que existe é a imaginação,
os rumores dispersos,
o ouro vivo
e o amor.

XXI.

as palavras, cristalinas,
acariciam-me lividamente os olhos,
adormecendo-me o corpo giratório:
acenando, embriagando
o clamor do sopro
o líquido vivo
da terra espessa.

Notas sobre o autor

Poeta e ensaísta natural de Faro, António Ramos Rosa, não acabou o ensino secundário por questões de saúde. Trabalhou como empregado de um escritório, desenvolvendo seu gosto por literatura portuguesa e estrangeira, com especial preferência pelos poetas. Em 1945 vai para Lisboa e dois anos depois volta a Faro, tendo integrado o MUD Juvenil, onde militou ativamente.

Em Lisboa foi professor de Português, Francês e Inglês, ao mesmo tempo em que estava empregado numa firma comercial, e começou a fazer traduções para a Europa-América, trabalho que nunca mais abandonaria e no qual veio atingir qualidade notável. Em 1958 publica no jornal *A voz de Loulé* o poema "Os dias, sem matéria". No mesmo ano sai o seu primeiro livro "O Grito Claro", nº 1 da coleção de poesia "A Palavra", editada em Faro e dirigida pelo seu amigo e também poeta Casimiro de Brito. Ainda nesse ano inicia a publicação da revista *Cadernos do Meio-Dia*, que em 1960 encerra a edição por ordem política.

Ramos foi um dos fundadores da revista de poesia *Árvore*, existente entre 1951 e 1953.

Em 10 de Junho de 1992 foi feito Grande-Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada e em 9 de Junho de 1997 foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique.

O seu nome foi dado à Biblioteca Municipal de Faro e em 2003 a Universidade do Algarve atribuiu-lhe o grau de Doutor Honoris Causa.

Vídeo sobre a vida e obra do autor: <<https://www.youtube.com/watch?v=989mcvGA6lQ>>>

Este trabalho foi publicado em dezembro de 2017, em versão digital, como trabalho final da disciplina Literatura em Meio Digital, ministrada pelo professor Gustavo Cerqueira na Faculdade de Letras da UFMG.